

As múltiplas faces da poesia sacro: a representação divina em gregório de matos e Jorge de Lima

Luiz Felipe Verçosa da SILVA¹

Universidade Estadual de Alagoas - UNEAL

E-mail: felipevercosa@outlook.com.

Resumo - Desde as primeiras manifestações culturais brasileiras, a figura e a representação do deus cristão é tema recorrente em obras literárias, exercendo diversas funcionalidades que serviram para apaziguar os ânimos pessimistas de uma época e momento social/político ou para catequizar e proclamar a crença cristã, assim como se deu na colonização portuguesa nas terras tupis/brasileiras. A partir dessa progressão, surgem figuras como a de Gregório de Matos Guerra (1636-1696) e Jorge de Lima (1895-1953), autores nordestinos de épocas e escolas literárias distintas, mas que carregaram em seus cernes poéticos, a irreverência e plasticidade necessária para poder transitar por inúmeras vertentes literárias e conseguir transformar a produção literária de seus tempos e espaços. Assim, o objetivo deste trabalho é analisar como se dá a representatividade do deus cristão nas poéticas dos autores, mostrando as múltiplas faces que a poesia de teor religioso exerceu no inconsciente coletivo de uma época e trazendo uma discussão acerca de como os autores enxergavam esse deus e a sua posição existencial nas suas vidas, revelando por meio de versos que possuíam uma atmosfera saudosista e singela, elementos de suas infâncias e vivências cotidianas, que só pela ótica da poesia, tornaram-se palpáveis e concretas. Utilizar-se-á na fundamentação teórica, as contribuições de Bosi (2015), Coutinho (2004) e De Nicola (1998).

Palavras-chave: Poesia Sacro. Gregório de Matos. Jorge de Lima.

Abstract - Since the first Brazilian cultural manifestations, the figure and representation of the Christian god has been a recurring theme in literary works, exercising several functions that served to appease the pessimistic moods of a social / political time and moment or to catechize and proclaim Christian belief, as well as it happened in the Portuguese colonization in the Tupi / Brazilian lands. From this progression, figures such as Gregório de Matos Guerra (1636-1696) and Jorge de Lima (1895-1953) emerge, Northeastern authors from different eras and literary schools, but who carried irreverence and plasticity in their poetic core. necessary to be able to move through countless literary strands and to transform the literary production of their times and spaces. Thus, the objective of this work is to analyze how the Christian god's representativeness occurs in the poetics of the authors, showing the multiple faces that religious poetry played in the collective unconscious of an era and bringing a discussion about how the authors saw this god and their existential position in their lives, revealing through

¹ Graduado em Letras - Português pela Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. Membro do Grupo de Estudos em Literatura Comparada – GELIC, da Universidade Federal da Paraíba – UFPB. E-mail para contato: felipevercosa@outlook.com.

verses that they had a nostalgic and simple atmosphere, elements of their childhoods and daily experiences, which only from the perspective of poetry, became palpable and concrete. The contributions of Bosi (2015), Coutinho (2004) and De Nicola (1998) will be used in the theoretical foundation.

Keywords: Sacred Poetry. Gregório de Matos. Jorge de Lima.

Introdução

Desde as primeiras manifestações culturais brasileiras, a figura e a representação do deus cristão é tema recorrente em obras literárias, tendo exercido essa imagem diversas funcionalidades que serviram para apaziguar os ânimos pessimistas de uma época ou momento social/político, servindo também em determinadas fases da nossa literatura para catequizar e proclamar a crença cristã, assim como se deu na colonização portuguesa nas terras tupis/brasileiras.

Nesse processo de disseminação da cultura eclesiástica, a representação divina nos textos literários passa de um mero status de devoção e se torna vanguarda cultural na produção literária brasileira, impulsionando autores a se apropriarem dessa representatividade para moldar as suas projeções sobre o mundo e os sentimentos metafísicos que o cercam, ressignificando o texto bíblico em texto poético para desmistificar as suas incógnitas pessoais ou romper com as próprias concepções divinas.

A partir dessa progressão surgem figuras como a de Gregório de Matos Guerra (1636-1696) e Jorge de Lima (1895-1953), autores nordestinos de épocas e escolas literárias distintas, mas que carregaram em seus cernes poéticos a irreverência e plasticidade necessária para poder transitar por inúmeras vertentes literárias e conseguir transformar a produção literária de seus tempos e espaços.

Desse modo, foi perceptível numa das fases mais religiosas e místicas dos autores, esses traços e maneiras peculiares das quais ambos enxergavam o deus cristão e a sua posição existencial nas suas vidas, das quais se caracterizavam no estilo Barraco de Gregório de Matos por uma lírica enriquecida de imagens que revelavam o plano cartográfico do perfil do homem do século XVII, que confuso com a sua própria concepção dos desejos envoltos entre a razão e a emoção, depositava todas as suas incongruências ao perdão divino, que dentro dessa perspectiva, seria o seu refúgio moral. Já em Jorge de Lima, que foi um “poeta

sucessivamente regional, negro, bíblico e hermético”, como classifica BOSI (2014, p.482), não há uma delimitação de estilos ou fases, e sim, uma ressignificação e transmutação a todos esses estilos, que se configuram por meio de versos de uma atmosfera saudosista e singela, com elementos de sua infância e das suas vivências cotidianas, que representavam a figura divina sobre uma ótica da inocência humana, que ao se manifestar dentro da poesia, torna-se palpável e concreta para todos os tipos de leitores.

Nesse sentido, nota-se que as escritas dos dois autores, pairam entre uma ironia ultrajada de frustração existencial e de uma esperança remota de uma intervenção divina, revelando também os contrastes e as múltiplas faces do deus cristão em suas diversas perspectivas e épocas, características que abrem o campo para uma interpretação mais sistêmica da visão do homem nos primeiros séculos da civilização e da cultura brasileira.

A Jesus Cristo Nosso Senhor: Uma ode ao desespero

O poema *A Jesus Cristo Nosso Senhor*, da fase sacra do poeta e advogado baiano Gregório de Matos Guerra (1636-1696), se encontra narrado na 1ª pessoa do singular (eu), estando distribuído e organizado em 5 (cinco) tipos de rimas: A, B, C, D e E, possuindo 2 (dois) quartetos e 2 (dois) tercetos, e apresentando estrutura métrica interpolada nas duas primeiras estrofes e livres nas duas últimas. Com isso, constata-se que se trata de uma composição poética em soneto, recurso estilístico característico dos poetas Barrocos herdado do Renascimento/Classicismo.

Define-se o poema a categoria da Poesia Sacra do Barroco, pela ligação espiritual direta do eu-lírico ao pecado e à salvação, sempre revelando de forma explícita uma personagem preocupada com as consequências divinas dos seus ímpetos carnis. E como afirma Segismundo Spina em artigo publicado no livro *Literatura no Brasil – Era Barroca/Era Neoclássica*, organizado por Afrânio Coutinho e Eduardo Coutinho:

Em Gregório, mais do que nos outros setores da sua poesia, é na poesia religiosa que o poeta se encontra face a face com os problemas da vida interior. (2004, p. 119).

Já o título e a narração vocativa do soneto *A Jesus Cristo Nosso Senhor*, imediatamente despertam uma percepção previsível de como serão os desdobramentos do enredo do poema, pois a partir do uso do artigo definido “A” na construção frasal do título, na utilização do pronome de tratamento “Nosso Senhor” e no uso narrativo da 1ª pessoa do singular (eu), automaticamente o direcionamento de algo ou alguém é evocado, mostrando, portanto, que haverá uma aproximação ou uma tentativa de aproximação do eu-lírico para com a figura de Jesus Cristo na busca por resoluções de situações conflituosas que inquietam a sua vã existência, com a necessidade de esclarecer algo ou na procura por algum auxílio espiritual que o alicerce. O que para Segismundo Spina é característico do barroquismo Gregoriano, como afirma:

É nota característica do barroquismo espiritual de Gregório esta ânsia contínua de identificação com a divindade, procurando imergir na pessoa divina, a ponto de tornar divino o que é humano, ou humano o que é divino. (2004, pg. 120).

Partindo para a superfície do soneto, ele apresenta em seus desdobramentos o íntimo de um eu-lírico confuso e perturbado pela dualidade existencial da emoção (prazeres mundanos) e pela razão (valores fundamentados pela Igreja Católica a sociedade da época), onde o eu-lírico num misto de coragem e receio, evoca e teme o castigo da figura divina do deus cristão pelos pecados que deliberadamente vem cometendo, mas de forma deliberada também, continua a cometê-los, pois tem a consciência de que na mesma medida que irá ser castigado, será perdoado, entendendo que o deus cristão, com toda a sua misericórdia e compaixão, perdoar-vos-á com apenas um gemido de arrependimento. Se apropriando em sua retórica estilística de argumentos bíblicos para justificar-se e safar-se do castigo divino, além do uso de mecanismos estilísticos da linguagem, como hipérbatos, metáforas, antíteses etc. para intensificar o seu vocábulo. Fato que é percebido com toda a nitidez, nos versos da última estrofe do soneto:

*Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada,
Cobrai-a; e não queiras, Pastor Divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória.*

DE NICOLA (1998, p.90) afirma que:

Todo o rebuscamento que aflora na arte barroca é reflexo do conflito entre o terreno e o celestial, o homem de Deus (antropocentrismo e teocentrismo), o pecado e o perdão, a religiosidade medieval e o paganismo renascentista, o material e o espiritual, dilema que tanto atormenta o homem do século XVII. (1998, p.90).

Rebuscamento esse que é recorrente no poema, pois o conflito paradoxal do homem para com a razão e para com a emoção está num contraste de ideias que caracterizam a arte do conflito existencial, detalhe que é claramente identificado no contexto do enredo do soneto, na utilização da figura de linguagem Antítese no primeiro verso da primeira estrofe: “*Pequei, Senhor, mas não porque hei pecado*”.

Assim, dentro do contexto do poema *A Jesus Cristo Nosso Senhor*, do poeta e advogado baiano Gregório de Matos (1636-1696), percebe-se o uso de uma organização geral das ideias, sendo isso um recurso conceptista, que foi uma das modalidades mais comuns nas produções da Literatura Barroca, tendo sido mais frequentes nos Sermões, que possuíam uma linguagem mais detalhada e ampla daquilo que estava em assunto no texto, já que a sua principal funcionalidade, era descrever aos monarcas portugueses como era o Brasil dos primeiros anos de descobrimento.

A multiplicação da criatura e o desejo de transcender no divino

Diferentemente do cerne discursivo da poética de Gregório de Matos, os versos do multifacetado Jorge de Lima (1895-1953) em *A multiplicação da criatura*, poema presente no livro *A Túnica Inconsútil* (2006), revelam o drama de um eu lírico que carrega consigo, todos os sentimentos do mundo, e que por conta dessa condição, sofre em demasia por não conseguir se equacionar em plenitude e pureza, correspondendo assim à figura divina do deus cristão, que lhe concebeu o dom da vida e a sua imagem e semelhança. Porém há uma fragmentação desse ser, que vive se equilibrando entre o pecado da carne e a moral Cristã,

numa corda bamba invisível que impõe esse eu lírico numa condição de *Atlas*², já que ao seu redor o mundo vive em descompasso com a harmonia e só atrai o caos generalizado, consequência dessa epidemia de pecados pelos quais o eu lírico também está incluso. Nesse contexto, percebe-se um eu lírico nitidamente fadado e que busca nas últimas instâncias de suas forças, transcender o plano divino para se multiplicar em um ser de luz, que possa reverter toda a apoteose pecaminosa que paira sobre o mundo, tendo enfim o cessar desse peso descomunal que fragmenta toda a sua personalidade.

*Parece, Senhor, que as noites escurecem dentro do
meu ser múltiplo,
Que eu falo sem querer por todos os meus irmãos,
Que eu ando cada vez mais em procura de Ti.*

Para BOSI (2015, p.485-486):

A Túnica Inconsútil, momento alto da poesia mística brasileira, foi considerada pelo autor “um poema único”; e, de fato, a sua leitura nos dá a margem processional dos homens e das idades que, saindo “das profundezas do pecado original”, caminham para a salvação em Cristo, e reconhecem na poesia a voz e a lanterna, signos da palavra verdadeira.

Nisso, se observa com mais propriedade o contraste poético que Jorge de Lima molda ao associar a figura divina no cerne de seus textos, mostrando que através de seus eu líricos, há assim como em Gregório de Matos, uma tentativa incessante de aproximação com o deus cristão na intenção de solucionar intemperes que atormentam o íntimo desse ser. Ademais, há uma divergência na construção e direcionamento sentimental dessas vociferações, pois Jorge de Lima reinventa o texto bíblico para que com isso, possa reproduzir novas percepções/interpretações que revelem o quanto se pode por meio da figura do deus cristão, enxergar e compreender as nossas próprias concepções a respeito do que nos cerca e nos espera no decorrer da vida, produzindo um efeito introspectivo no leitor.

Metricamente o poema *A multiplicação da criatura* não distribui intercalação e cavalgamento sonoro, tendo somente uma única estrofe que possibilita a constatação de que

² Em referência a um dos personagens da mitologia grega, o titã Atlas, que segundo a crença, foi fadado a carregar o mundo nas costas em função de uma punição que Zeus lhe concedeu por tentar usurpar o poder do Monte Olimpo.

cada partícula dos versos são minuciosamente circunstâncias para a potencialização dos sentidos que o próximo verso reproduz. Um dado curioso a respeito disso é que, por possuir apenas uma estrofe, o poema se alonga em 22 versos, que se intensificam a cada linha e revelam elementos extratexto que personificam o sentimento de agonia do seu eu lírico, já que ao decidir estender o poema em uma única estrofe, o poeta passa a impressão de uma expressão ininterrupta de um sentimento em erupção, que não pode ser contido ou quebrado em outras estrofes, pois pode comprometer a progressão desse sentimento.

*Parece que em minha sombra
o sol desponta e se deita,
e minha sombra e meu ser,
valem um minuto em Ti.*

Bosi (2015) expõe que Jorge de Lima em toda a sua produção, desceu as ladeiras da sua memória e do seu inconsciente, detendo-se em sua fase horizontal num catolicismo sincrético, sertanejo e santeiro, onde os sentimentos do sagrado vivem à flor d'água e se misturam com o gosto da terra, do povo e dos seus vínculos sociais concretos.

Nessa fase religiosa e mística de sua carreira, seus versos surgem como um escape existencial de um ser que necessita de ajuda espiritual, já que vive em constante estado de frustração por não obter respostas concretas para as suas incógnitas. E essa perspectiva analítica fica em evidência, quando se observa a construção estilística dos poemas de Jorge de Lima em *A Túnica Inconsútil* (2006) - em especial o poema em estudo - que em quase todas as páginas, apresenta um direcionamento vocativo do eu lírico em relação ao deus cristão, em clamores que se expressam o seu mais profundo pesar em ser vão diante da figura divina, associando a sua dor aos fenômenos da natureza, reiterando novamente a sua necessidade em transcender o plano terrestre e se aproxima do plano divino, recurso narrativo que se faz pertinente na construção poética de cunho religioso e místico, pois o homem nessa concepção vê na natureza e em seus elementos, o seu próprio auto reflexo.

Conclusão

Levando em consideração todos os aspectos analisados no decorrer deste trabalho, constatou-se pela construção estilística e pela descrição narrativa dos versos de Gregório de Matos Guerra (1636-1696) e Jorge de Lima (1895-1953) em suas fases mais religiosas/sacras, que mesmo representando a figura divina do deus cristão para expressar as suas lamurias e incompreensões terrenas, há um contraste significativo na abordagem da imagem desse deus e de sua onipotência, onipresença e onisciência, pois o direcionamento de suas vociferações tanto servem para justificar os pecados do homem, já que esse é feito de carne e, portanto desprovido de pureza, tanto para uma contemplação celestial que visa uma aproximação e canalização com o deus cristão, servindo de base para aqueles que buscam um refúgio espiritual em tempos de transições ou crises em todos os setores da humanidade.

Nessa perspectiva, cada autor se apropria de traços característicos que personifiquem as noções e os conflitos espaciais de sua época, para construir o arquétipo do perfil do homem do seu tempo, possibilitando por meio da ótica da arte poética, uma percepção mais detalhada e precisa dos conflitos que agitavam o inconsciente coletivo do século XVII (época em que Gregório de Matos viveu) e do século XX (época em que Jorge de Lima viveu).

Fornecendo desse modo, um essencial acervo histórico e bibliográfico que traz uma cartografia mais consistente a respeito das primeiras manifestações com o teor religioso/sacro na Literatura Brasileira, dando a possibilidade de se obter resposta sobre como se deu o surgimento de determinadas escolas ou vanguardas literárias, os seus porquês, as suas características e o âmago de suas intencionalidades enquanto plena máxima das expressões artísticas do homem no decorrer dos séculos.

Referências

BOSI, Alfredo. **História concisa da LITERATURA BRASILEIRA**. – 50. Ed. – São Paulo: Cultrix, 2015.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

COUTINHO, Afrânio: direção, COUTINHO, Eduardo de Faria: codireção. **A Literatura no Brasil: Era Barroca/Era Neoclássica**. – 7. ed. rev. e atual. - São Paulo, SP: Global, 2004.

COUTINHO, Afrânio: direção, COUTINHO, Eduardo de Faria: codireção. **A Literatura no Brasil: Era Modernista**. – 7. ed. rev. e atual. - São Paulo, SP: Global, 2004.

DE NICOLA, José. **Literatura Brasileira: das origens aos dias atuais**. São Paulo, SP: Scipione, 1998.

LIMA, de Jorge. **Anúnciação e encontro de Mira-Celi**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

MENDES, Murilo. “Poesia em pânico.” In: PICCHIO, Luciana Stegagno (ORG.). **Poesia completa e prosa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.